

## Construindo uma ponte: a partilha do conhecimento em ecossistemas empreendedores

Dutra de Andrade, Roberta  
Universidade da Beira Interior,  
Portugal  
[robertadutra@hotmail.com](mailto:robertadutra@hotmail.com)

Gonçalves Pinheiro, Paulo  
Universidade da Beira  
Interior, Portugal  
[pgp@ubi.pt](mailto:pgp@ubi.pt)

Cagica Carvalho, Luisa  
Instituto Politécnico de Setúbal,  
Portugal  
[luisa.cagica.carvalho@gmail.com](mailto:luisa.cagica.carvalho@gmail.com)

**Palabras clave:** Ecosistemas empreendedores; Startup; Intercambio de conocimientos.

### Abstract

Based on the theories of network, entrepreneurship, and knowledge sharing, used with multidisciplinary approaches, the general objective of the thesis is to contribute to the construction of a conceptual management model that provides a comprehensive view of the components of entrepreneurial ecosystems (EE). The research will be divided into four chapters: (1) systematic literature review on knowledge sharing in entrepreneurial ecosystems for the creation, survival, and development of startups; (2) comparative analysis between different entrepreneurial ecosystems to identify how values are created and captured from knowledge sharing and learning process management; (3) empirical study on the beacon effect of successful startups on the composition of cultural, material and social factors of EEs; (4) study on the complexities of entrepreneurial learning from business failure and its effects on the learning process and knowledge management in EE. The research will be qualitative with the researcher's immersion in the field. Primary data will be collected in loco in different ecosystems through semi-structured interviews, narratives, and participant observation. The last three chapters will use Grounded Theory and the data collected

will be interpreted using the NVivo software through an ethnographic posture. The expected results point to the inclusion of new theoretical perspectives on entrepreneurial ecosystems applicable to the context of emerging economies, providing new empirical evidence from micro (individual), meso (organizations), and macro (networks) analysis. Much of the studies so far have focused on advanced economies and present static management models. This study innovates by proposing the inclusion of dynamic aspects that allow for an overview of the EEs, respecting the particularities of emerging economies such as scarcity of resources, structural gaps, and institutional gaps.

**Keywords:** Entrepreneurial ecosystems; Startup; Knowledge sharing.

### **Resumo**

Com base nas teorias de rede, empreendedorismo e compartilhamento do conhecimento, utilizadas com abordagens multidisciplinares, o objetivo geral da tese é contribuir com a construção de um modelo conceitual de gestão que forneça uma visão abrangente dos componentes de ecossistemas empreendedores (EE). A pesquisa será dividida em quatro capítulos : (1) revisão sistemática da literatura sobre a partilha do conhecimento em ecossistemas empreendedores para a criação, sobrevivência e desenvolvimento de startups; (2) análise comparativa entre diferentes ecossistemas empreendedores para identificar como os valores são criados e capturados a partir do compartilhamento do conhecimento e gestão de processos de aprendizagem; (3) estudo empírico sobre o efeito farol de startups bem-sucedidas na composição de fatores culturais, materiais e sociais dos EEs; (4) estudo sobre as complexidades da aprendizagem empreendedora a partir do fracasso empresarial e seus reflexos no processo de aprendizagem e gestão de conhecimento no EE. A pesquisa será qualitativa com a imersão do pesquisador em campo. Os dados primários serão coletados *in loco* em diferentes ecossistemas através de entrevistas semiestruturadas, narrativas e observação participante. Os três últimos capítulos utilizarão *Grounded Theory* e os dados coletados

serão interpretados com a utilização do software NVivo por meio de uma postura etnográfica. Os resultados esperados apontam para a inclusão de novas perspectivas teóricas acerca de ecossistemas empreendedores aplicáveis ao contexto de economias emergentes, fornecendo novas evidências empíricas a partir de análise micro (indivíduo), meso (organizações) e macro (redes). Grande parte dos estudos até então se concentram em economias avançadas e apresentam modelos estáticos de gestão. Este estudo inova ao propor a inclusão de aspectos dinâmicos que permitam ter uma visão geral dos EEs respeitando as particularidades de economias emergentes como: escassez de recursos, lacunas estruturais e vazios institucionais.

**Palavras-chave:** Ecossistemas empreendedores; Startup; Compartilhamento do conhecimento.

## **Resúmen**

A partir de las teorías de la red, el emprendimiento y el intercambio de conocimientos, utilizadas con enfoques multidisciplinares, el objetivo general de la tesis es contribuir para la construcción de un modelo de gestión conceptual que brinde una visión integral de los componentes de los ecosistemas emprendedores (EE). La investigación se dividirá en cuatro capítulos: (1) revisión sistemática de la literatura sobre el intercambio de conocimientos en EE para la creación, supervivencia y desarrollo de startups; (2) análisis comparativo entre diferentes EE para identificar cómo se crean y capturan los valores a partir del intercambio de conocimientos y la gestión del proceso de aprendizaje; (3) estudio empírico sobre el efecto baliza de las startups exitosas sobre la composición de los factores culturales, materiales y sociales de los EE; (4) estudio sobre las complejidades del aprendizaje empresarial a partir del fracaso emprendedor y sus efectos en el proceso de aprendizaje y la gestión del conocimiento en EE. La investigación será cualitativa con

la inmersión del investigador en campo. Los datos primarios se recolectarán *in loco* en diferentes ecosistemas a través de entrevistas semiestructuradas, narrativas y observación participante. Los últimos tres capítulos utilizarán la teoría fundamentada y los datos recopilados se interpretarán utilizando el software *NVivo* a través de una postura etnográfica. Los resultados esperados apuntan a la inclusión de nuevas perspectivas teóricas sobre ecosistemas emprendedores aplicables al contexto de economías emergentes, aportando nueva evidencia empírica a partir del análisis micro (individual), meso (organizaciones) y macro (redes). Gran parte de los estudios hasta ahora se han centrado en economías avanzadas y presentan modelos de gestión estáticos. Este estudio innova al proponer la inclusión de aspectos dinámicos que permitan un panorama de los EEs, respetando las particularidades de las economías emergentes como: escasez de recursos, brechas estructurales y brechas institucionales.

**Plabras clave:** Ecosistemas emprendedores; Startup; Intercambio de conocimientos.

## 1. Introdução

O conceito de ecossistema empreendedor – EE ganhou especial atenção na última década e foi pautado pelo interesse demonstrado por formuladores de políticas públicas para a promoção de atividade empreendedora, criação de novas empresas e fomento do autoemprego (Alvedalen & Boschma, 2017; Stam & Spigel, 2017; Edquist, 2005; Acs et al., 2014; Audretsch & Lehmann, 2016; Autio & Levie, 2014; Szerb et al., 2013; Cao & Shi, 2020; Leitão et al., 2018; Frenken et al., 2015; Cantner et al., 2020). O ponto de partida para compreender a abordagem recente de EE, para além de fatores econômicos e sociais, é o foco na troca de conhecimentos (Brito & Leitão, 2020).

Nesse contexto, o conhecimento é o fator que permeia toda a evolução teórica (Ferreira et al., 2007). Entendido como a capacidade de agir com base em informações recebidas (Schaillee et al., 2019), o conhecimento corresponde à maneira que empreendedores avaliam oportunidades e riscos para decidir se podem contribuir para o crescimento do negócio, tornando a inovação mais provável (Ratten, 2019). A ideia de conhecimento inclui: (1) conhecimento técnico (Cooke, 2001; Wang & Noe, 2010; Franco & Haase, 2015); (2) conhecimento sobre o processo de empreendedorismo (Ács et al., 2013; Dutt *et al.*, 2016; Berg *et al.*, 2020) e (3) conhecimentos difusos (Stinchcombe, 2000; Abatecola *et al.*, 2012).

Apesar de amplo interesse acadêmico e político, o domínio emergente de EEs ainda permanece sub teorizado e conceitualmente fragmentado, com pesquisas concentradas majoritariamente em economias avançadas com enfoque em aspectos estáticos que não permitem a compreensão total de tais ambientes (Cao & Shi, 2020). À medida que a criação de novos empreendimentos, preferencialmente de alto crescimento e focados em inovação, torna-se fonte crítica de crescimento econômico (Stam & Van de Ven, 2018), uma abordagem dinâmica desses ecossistemas pode contribuir para a redução das lacunas entre economias (Lingelbach et al., 2005). Existe uma lacuna significativa entre ambientes institucionais complexos e vazios institucionais relacionados ao mercado em economias emergentes que inibem a aplicação direta de modelos derivados de economias avançadas, com mercados sólidos e instituições dominantes (Cao & Shi, 2020; Khanna & Palepu, 2000; Ramamurti & Hillemann, 2018).

Nesse sentido, algumas deficiências teóricas permanecem: falta explorar sistematicamente a dinâmica de ecossistemas empreendedores em economias emergentes que traga peculiaridades

de governança, além do processo de alocação e interação de recursos. Não existem ainda pesquisas suficientes, em termos de exploração de causalidade teórica de categorias distintas, entre EEs; e os estudos, até então, não identificam as características mais importantes entre as economias emergentes para criação de um quadro comparativo com economias avançadas (Cao & Shi, 2020).

A tese propõe investigar e explorar o fluxo do conhecimento e seus aspectos em diferentes ecossistemas empreendedores a partir de análise micro (indivíduo), meso (organizações) e macro (redes). Inova ao propor a inclusão de aspectos dinâmicos que permitam respeitar as particularidades de economias emergentes, como: escassez de recursos, lacunas estruturais e vazios institucionais. Serão analisados ainda o efeito farol de start-ups e empreendedores bem-sucedidos para a formação de um núcleo modulador de fatores culturais, sociais e materiais dos EEs para compreender seu papel na formação da vocação e desenvolvimento desses ecossistemas e se suas narrativas de sucesso interferem na aderência de novos empreendimentos. Por fim, as complexidades o processo de aprendizagem empreendedora será analisado a partir do fracasso para perceber seus reflexos no EE e fornecer insights a partir de perspectivas financeiras e não financeiras.

O objetivo geral da pesquisa é contribuir com a construção de um modelo conceitual de gestão que inclua estruturas estáticas e dinâmicas, priorize o aprendizado a partir de experiências empreendedoras bem e malsucedidas e forneça uma visão abrangente dos componentes de ecossistemas empreendedores (EE). Para tanto partimos da seguinte questão de investigação: Como ecossistemas empreendedores gerenciam o compartilhamento de conhecimento para a criação e captura de valor por meio da gestão de processos de aprendizagem a partir de experiências críticas de sucesso e fracasso?

## 2. Referencial teórico

### *Ecosistemas Empreendedores*

O interesse por ecossistemas empreendedores tem sido crescente nos últimos anos. No entanto, vale lembrar que, dentro da mesma percepção de construtos, houve uma evolução de nomenclaturas e taxonomias abordadas no quadro 1. A abordagem territorial, com foco no ambiente de negócios externo à organização e dentro de uma região, pressupõe oportunidades de mercado que podem contribuir para a competitividade das empresas (Leitão et al., 2018). Tal abordagem se relaciona com outros conceitos precursores, como: distritos industriais (Marshall, 1890; Becattini, 1989), sistemas regionais e nacionais de inovação (Asheim & Coenen, 2006; Freeman, 1987; Cooke, 2001; Edquist, 1997), regiões de aprendizagem (Morgan, 1997; Cappellin & Wink, 2009; Asheim & Gertler, 2005), clusters (Porter, 2000; Asheim & Coenen, 2006) e meios inovadores (Aydalot, 1986; Ratti, 1989; Camagni & Maillat, 2006).

Apesar das semelhanças territoriais, o conceito de ecossistema empreendedor - EE traz o empreendedor individual como ator principal, ao passo que as demais teorias se concentram em firmas e indústrias (Frenken et al., 2015). A definição de ecossistemas empreendedores aparece com Spilling (1996) compreendendo que o EE consiste em diversos e complexos atores, papéis e fatores ambientais que interagem para determinar o desempenho empreendedor de uma região ou localidade. A última definição encontrada até então foi a de Cantner et al. (2020) que entende ecossistemas empreendedores e de negócios como subconjuntos de um ecossistema econômico

regional, interligados pela exploração comercial de ideias como complementos dos ativos organizacionais.

*Quadro 1 – Evolução das definições de Ecossistemas Empreendedores (EE)*

<b>Autor Foco Principal Variáveis Percepção de moderadoras ecossistema</b>			
Spilling, 1996	desempenho empreendedor	atores, papéis e fatores ambientais	complexo, diverso e regional
Cohen, 2006	criação de novos empreendimentos	atores interdependentes	diversificado e regional
Isenberg, 2010	condições locais, setor privado, mudança cultural, raízes, crescimento orgânico, marco regulatório	liderança, cultura, mercado de capitais e clientes	complexo e holístico
Isenberg, 2011	política, finanças, cultura, apoios, capital humano e mercados	interações complexas	idiossincrático, complexo e autossustentável
Feld, 2012	startups	empreendedores, líderes	comunidade inclusiva com atividades contínuas
Qian et al., 2012	criação, descoberta e exploração de oportunidades	economia, sociedade, instituições e outros fatores	interativo
Vogel, 2013	empreendedores, instituições e organizações	mercado, marco regulatório, suporte e cultura empreendedora	mercado, marco regulatório, suporte e cultura empreendedora
Isenberg, 2014	conectores e influenciadores	empreendedores	rede dinâmica e autoreguladora
Mason & Brown, 2014	empreendedores, organizações e instituições	processos empreendedores	ecossistema



Acs et al., 2014	indivíduo empreendedor	atitudes empreendedoras, capacidades e aspirações	sistema nacional dinâmico e institucional
Stam, 2015	condições sistêmicas	liderança, finanças, talento, conhecimento e serviços de apoio	redes de empreendedores
Cukier et al., 2016	startups	pessoas e organizações de apoio	complexo e regional
Roundy, 2016	atividade empreendedora	atores, instituições, estruturas sociais e valores culturais	conjunto interativo
Audretsch & Belitski, 2016	identificação e comercialização de oportunidades	fatores sistêmicos	institucional e organizacional
Stam & Spiegel, 2016	empreendedorismo produtivo	atores e fatores	interdependente, coordenado e territorial
Spiegel, 2017	empreendimentos baseados em inovação	cultura local, redes sociais, investimentos, universidades e políticas econômicas	favorável à inovação
Theodoraki & Messeghem, 2017	redes horizontais e verticais e elementos físicos e não físicos	agências de financiamento, órgãos de apoio, institutos de pesquisa, consórcios de firmas, regulação empreendedora e cultura	genérico e territorial
Wadee & Padayachee, 2017	sucesso do empreendedor	elementos, organizações, indivíduos e instituições	multidimensional
Autio, 2017	criação e ampliação de novos empreendimentos	alocação de recursos	interativos, incorporados e regionais
Theodoraki et al., 2018	atores, infraestrutura física e cultura	interações	redes dimensionais formais e informais

Leitão et al., 2018	inovação e sustentabilidade	entidades	relativamente estável
Meshram & Rawani, 2019	desenvolvimento econômico	empreendedores, startups e inovação	estratégia
Cantner et al., 2020	ideias como complementos ou substitutos aos ativos da empresa	ecossistema regional	subconjuntos econômicos regionais

Fonte: elaborado pela autora.

Um conceito de ecossistema empreendedor que pode enquadrar a visão de diversos desses autores é a de uma comunidade de múltiplas partes interessadas que fornecem um ambiente solidário para novas criações de empreendimentos focados na inovação dentro de uma região através de suas interações em redes internas e externas. Apesar do crescente interesse pelos EE, o domínio teórico ainda permanece emergente, sub teorizado e fragmentado. Os modelos conceituais propostos até então apresentam uma dinâmica explicada pela lógica dos recursos (provisão, acesso e mobilização), lógica da interação (processo geral de negócios, padrões horizontais de rede e elementos estruturais únicos) e lógica da governança (coordenação, alinhamento de benefícios e compromisso) (Cao & Shi, 2020).

Tais modelos, no entanto, enfrentam desafios diretos para sua aplicação em economias emergentes dado suas características salientes comuns: escassez de recursos, lacunas estruturais e vazios institucionais (Ács et al., 2014; Spigel & Harrison, 2018; Autio & Levie, 2017; Autio, 2016; Feld, 2012; Auerswald, 2015; Isenberg, 2011; Stam, 2015; Goswami et al., 2018; Alfred & Laura, 2016; Khanna & Palepu, 2000; Manimala & Wasdani, 2015; Guerreiro & Urbano, 2017; Arruda et al., 2013). Faz-se necessário, então, um maior estudo desses ecossistemas em economias emergentes suficientemente capaz de identificar peculiaridades e enxergá-los em sua totalidade

para fornecer implicações políticas e práticas na promoção, criação e desenvolvimento de novos empreendimentos de alto crescimento.

### ***Compartilhamento do conhecimento em startups***

As startups, empresas recém-criadas e de alta tecnologia, são uma importante fonte de inovação organizacional (Gupta & Shapiro, 2014; Doshmanli et al., 2018; Salamzadeh et al., 2015). Embora diferentes em sua natureza, surgem com o propósito congênere de crescer agressivamente seus negócios em mercados altamente escaláveis (Giardino et al., 2016). Percebidas como parte intrínseca do ecossistema empreendedor, desempenham um papel imprescindível no progresso dos mercados emergentes (Van Agtmael, 2007; Guillén & GarcíaCanal, 2012; Fey et al., 2016). Sem estas, as economias emergentes estariam sujeitas a uma possível menor exploração de oportunidades em novos nichos de mercado e a uma menor atração de investidores (Salamzadeh, 2018).

Ressalta-se que, embora as startups sejam formadas por profissionais com alto conhecimento tecnológico, normalmente os empreendedores se percebem envolvidos em novas atividades administrativas (Stinchcombe, 2000; Abatecola et al., 2012). Neste sentido, os novos empresários procuram parceiros que possam prover conhecimento que os auxiliem a preencher os "vazios institucionais" de questões administrativas (Dutt et al., 2016). Para contribuir com o desenvolvimento e a sobrevivência destas empresas, Incubadoras, Aceleradoras e Universidades fortalecem ações para auxiliar os empreendedores e conectá-los com parceiros (Albort-Morant & Oghazi, 2016; Cheraghi 2017; Berg et al., 2020).

As aglomerações de startups em um dado espaço geográfico são comumente referidas como EEs e, a emergência destes, é um fenômeno global (Bruton et al., 2008). Ao passo que a criação de novos negócios passou a ser peça chave no fomento ao crescimento econômico (Stam & Van de Ven, 2018), a abordagem sistêmica desse fenômeno pôde auxiliar na redução de lacunas entre economias avançadas e emergentes. Economias emergentes revelam instituições de apoio relativamente subdesenvolvidas. Mercado de capitais, de trabalho e sistemas jurídicos, por vezes, são insuficientemente seguros para as partes envolvidas (Bruton et al., 2008).

Ao passo que tais vazios institucionais podem dificultar o desenvolvimento econômico, também podem proporcionar oportunidades para o desenvolvimento institucional (Khanna & Palepu, 2000). Embora o desenvolvimento de países emergentes tenha sido crescente nas últimas duas décadas, pouco se sabe sobre como um EE opera nesses ambientes (Schott, 2008). Com arcabouço institucional limitado e falho, as lacunas geradas inibem a aplicação direta de modelos de gestão e avaliação de EE desenvolvidos e aplicados em economias avançadas. Passando por uma transição para uma economia baseada no conhecimento, empreendedorismo e inovação, as economias emergentes vêm assumindo posição cada vez mais dominante na economia mundial demandando mais atenção para suas lacunas (Ramamurti & Hillemann, 2018).

A literatura, até então, não identificou o grupo de características mais importantes entre as economias emergentes como já foi feito com economias avançadas, mas, em pesquisa exploratória, foram encontrados três temas independentes e interdependentes na construção destes EE:

- Lógica da interação: com perspectiva sistêmica, enfatiza a importância das estruturas e interações associadas a diversos elementos estruturais que geram a atividade empreendedora nos ecossistemas (Autio, 2016; Cao & Shi, 2020).
- Lógica dos recursos: foca na alocação de recursos produtivos como resultados dos EE regionais (Autio & Levie, 2017; Autio et al., 2018). É fundamental para entender a essência dos resultados de cada EE e por promover a aderência e atrair e manter recursos dentro da região (Pitelis, 2012).
- Lógica da governança: trata da política do ecossistema para promover o desenvolvimento econômico voltado ao empreendedorismo (Auerswald, 2015; Isenberg, 2011; Stam, 2015). Entende-se que o EE é formado por diversos atores que possuem objetivos e funções diferentes ou relacionadas, orientados por mecanismos de governança capazes de promover ações conjuntas e continuadas (Spigel, 2017; Groth et al., 2015).

Em estágios iniciais dos EEs, se houver incentivos econômicos adequados e as instituições e estruturas estiverem bem-posicionadas, as ações desejáveis tendem a seguir normalmente (Motoyama & Knowlton, 2016). Os vazios, de recursos, instituições e lideranças, quando não trabalhados e preenchidos adequadamente, podem estagnar a evolução dos EEs por gerarem efeitos negativos como burocracias demasiadas, altos impostos, falta de apoio institucional, mercado

saturado pelo comércio informal, inconsistências de articulações, redes despersonalizadas, financiamento limitado e dificuldades de internacionalização dos negócios (Arruda et al., 2013; Manimala & Wasdani, 2015; Guerreiro & Urbano, 2017).

### ***O efeito farol de empreendimentos bem-sucedidos***

Em ecossistemas empreendedores com alto nível de engajamento, empreendedores bem-sucedidos tendem a permanecer no ecossistema retroalimentando o fluxo de informações e de aprendizagem, desempenhando papéis de empreendedores em série, mentores ou investidores-anjos (Spigel & Harrison, 2018). A experiência desses empreendedores na região proporciona valor agregado para atrair mais empreendedores e recursos ao ecossistema (Pitelis, 2012).

Empreendedores bem-sucedidos se tornam líderes ou faróis, criando e moldando diversos fatores culturais, sociais e materiais do EE, influenciando na composição de suas vocações (Tiba et al., 2020). Os exemplos das histórias marcadamente diferenciadas pelo sucesso, além de ser irradiado para fora dos limites regionais, ajuda outros empreendedores a percorrerem rotas de negócios com um pouco mais de conhecimento, diminuindo a percepção de riscos.

Diversos fatores interagem e se reforçam reciprocamente para moldar a composição dos EEs. No entanto, estudos recentes apontam para os padrões de comportamentos empreendedores baseados nas interações sociais com empreendimentos faróis. Concluem que tais relações são fator plausivelmente influenciador dos atributos e direcionamento do EE (Zahra et al., 2009; Maleki, 2018). Embora haja diversos quadros teóricos que descrevam os fatores que constituem os EEs

(Alvedalen & Boschma, 2017; Pitelis, 2012; Stam, 2015), o quadro proposto por Spigel (2017) captura atributos comuns a vários autores e reconhece suas interações por meio de três sub dimensões primárias: fatores culturais, sociais e materiais; que se apoiam e auto reforçam sem hierarquia, determinando a adesão de novas startups aos ecossistemas.

- Fatores culturais: são as crenças e perspectivas subjacentes sobre empreendedorismo dentro de uma região. Esses fatores influenciam na aceitação social da tomada de riscos impactando nas taxas de abertura de novos negócios (Ritsila, 1999; Feld, 2012; Aldrich & Martinez, 2007).
- Fatores sociais: são os recursos compostos ou adquiridos por meio de redes sociais dentro de uma região contendo atributos sociais diferentes: redes sociais, investidores, mentores e talentos (Dacin et al., 2010; van Rijnsoever, 2020).
- Fatores materiais: incluem todas as condições contextuais dentro dos EEs e fora das redes sociais e podem determinar a facilidade de se iniciar um empreendimento (Hoogendoorn, 2016; Defourny & Nyssens, 2008).

Um fator importante e não captado pelo modelo de Spigel (2017) são as startups que formam esse núcleo. Startups bem-sucedidas demonstram que seus negócios são viáveis e contribuem substancialmente para a difusão de conhecimentos. Essas startups estão em posição ideal para impactar seu contexto dado seu elevado nível de reconhecimento e legitimidade

(HarperAnderson, 2018; Feld, 2012). Os faróis moldam instituições formais (materiais) e informais (culturais) e criam reputação favorável aos EEs a que pertencem além dos limites geográficos em que estão inseridos, atraindo novos atores e recursos (DiMaggio & Powell, 1983; Lee et al., 2004; Battilana et al., 2009).

Apesar dos faróis personificarem o sucesso dentro do EE (Alvedalen & Boschma, 2017; Balland et al., 2015), pesquisas anteriores raramente exploram essa perspectiva em economias emergentes. Faz sentido, portanto, investigar esse fenômeno. Cabem ainda alguns questionamentos como: em que medida influenciam a participação de outras startups no EE, se existe alguma diferença de influência em EEs com diferentes vocações e se aspetos regionais podem atuar como fator moderador nessa relação.

### ***Aprendizagem a partir do fracasso***

O fracasso desempenha papel fundamental na aprendizagem empreendedora e o conhecimento acerca desse processo que permite ao empreendedor ressurgir após uma falha, ainda é fragmentado na literatura (Lattacher & Wdowiak, 2020). Markusen (1996) aponta que um ecossistema empreendedor precisa ter uma dinâmica de reciclagem dos empreendedores que, eventualmente, fracassaram em algum empreendimento, para garantir a aderência de engajamento das partes envolvidas. Embora o fracasso seja um fenômeno comum e inerente ao empreendedorismo, ainda é considerado um dos eventos mais críticos que um empreendedor pode enfrentar (Espinoza-Benavides & Diaz, 2019; Ucbasaran et al., 2013; Politis, 2008; Sarasvathy, 2001).



O conhecimento adquirido através do fracasso pode facilitar o ressurgimento empreendedor bem-sucedido (Lattacher & Wdowiak, 2020). O fracasso representa uma oportunidade de aprendizado em um contexto difícil, especialmente em economias emergentes que apresentam restrições de recursos (Autio & Levie, 2017). Nessas economias, o medo da cultura do fracasso também inibe investidores a se engajarem em novos investimentos de riscos (Arruda et al., 2013). Muitos desses EEs também apresentam baixas taxas de empreendedores com formação superior e uma tendência ao empreendedorismo por necessidade, facilitando a entrada de empreendimentos de pior qualidade e mais dependentes de incentivos públicos (Reynolds et al., 2002; Adly & Khatib, 2014; Júnior et al., 2016).

Os estudos até então priorizam a abordagem ecológica com a mensuração financeira do fracasso, focando em falências e fechamentos dos empreendimentos, deixando à margem um vasto campo de pesquisa que compreende a percepção pessoal do empreendedor inerentes as suas metas pessoais e o reposicionamento do empreendimento em um novo mercado diverso do anterior (Perkins, 2014; Jenkins & McKelvie, 2016; He et al., 2018).

Argumentamos que o empreendedorismo bem ou malsucedido dentro de um ecossistema gera recursos empresariais críticos, apoiando a criação de empreendimentos futuros de alto crescimento (Cannavacciuolo et al., 2017). Conforme os casos de sucesso ou fracasso são reciclados em todo o ecossistema, podem ser usados por outros empreendedores para evitar falhas similares. A reciclagem do aprendizado a partir do fracasso é um processo-chave para a melhor gestão do fluxo de recursos nos ecossistemas. (Bahrami & Evans, 1995).

Do ponto de vista prático, a compreensão sobre os reflexos do fracasso permite que nos debrucemos sobre suas manifestações ao longo do tempo para administrar o impacto sobre o empreendedor falido e sobre o ecossistema em que está inserido para gerir seus impactos multinível (Klimas et al., 2020). Nesse sentido, cabem questionamentos como: quais fatores podem ser generalizados no aprendizado experiencial (Kolb, 1984; Kolb & Kolb, 2018) a partir do fracasso; qual a relação da natureza do fracasso com o conteúdo da aprendizagem; se o fracasso influencia a correção de falhas e abertura de um novo negócio e quais elementos subjetivos moldam o processo de aprendizagem empreendedora a partir do fracasso.

Manifestado como importante campo de pesquisa em fins da década de 1990, o fracasso empresarial foi considerado parte inerente ao empreendedorismo (McGrath, 1999). Existe uma infinidade de entendimentos acerca do fracasso ou falha empresarial (Jenkins & McKelvie, 2016). De um lado, a falha é medida objetivamente, em grande parte, pelo desempenho econômico (Yamakawa et al., 2015). De outro, a subjetividade de medição encontra-se na comparação entre metas definidas individualmente e resultados reais. Outra forma de medir subjetivamente o fracasso, considera a atitude pessoal e a situação do empreendedor ao diferir em quão profundamente o fracasso os impacta psicologicamente e financeiramente (Cope, 2011).

Em resumo, a lente deste estudo focará na falha definida pelo fato de ser cognitivamente percebida como tal pelo empreendedor, independente da empresa sobreviver ou não. Logo, fracasso e falha serão adotados, ambos como eventos críticos para a aprendizagem experiencial, seguindo Ucbasaran et al. (2013) ao ir além do critério estreito de falência.

### **3. Metodologia**

### ***Tipo de estudo: abordagens da investigação***

O presente estudo seguirá abordagens qualitativas, com propósito exploratório-descritivo, forma de investigação indutiva e natureza subjetiva. As técnicas de coleta de dados e os instrumentos de investigação serão diversificados de acordo com os capítulos propostos. O pesquisador será imerso nos ecossistemas escolhidos e serão utilizados dados primários e secundários, quando houver. Os dados serão coletados *in loco* em diferentes EE através de entrevistas e observação participante (Anguera, 1985).

A exceção do primeiro capítulo que será uma revisão sistemática da literatura (Tranfield et al., 2003), todos os demais capítulos utilizarão *Grounded Theory* (Glasser, 1992) como estratégia de pesquisa (Wells, 1995), observação participante e entrevistas narrativas e semiestruturadas sistematicamente analisadas no *software* NVivo (Tie et al., 2019). O esforço majoritário será para compreender o discurso e a aplicação prática dos conceitos e processos por meio de uma postura etnográfica (Schwartzman, 1993).

### ***Modelos teóricos***

Com base em revisões de literatura acerca dos temas abordados, serão utilizados os quadros teóricos para cada capítulo apresentados nas figuras 1, 2, 3 e 4. A figura 1 apresenta uma visão geral dos EEs trazendo seus componentes, atributos, subsistemas e mecanismos subjacentes e é fruto da revisão sistemática de literatura proposta como primeiro capítulo da tese. Esta mesma figura traz ainda uma análise micro, meso e macro dos ecossistemas apresentando as relações e

alianças que permitem, através do compartilhamento do conhecimento, a criação de novos valores ecossistêmicos por meio da validação de negócios bem e malsucedidos.

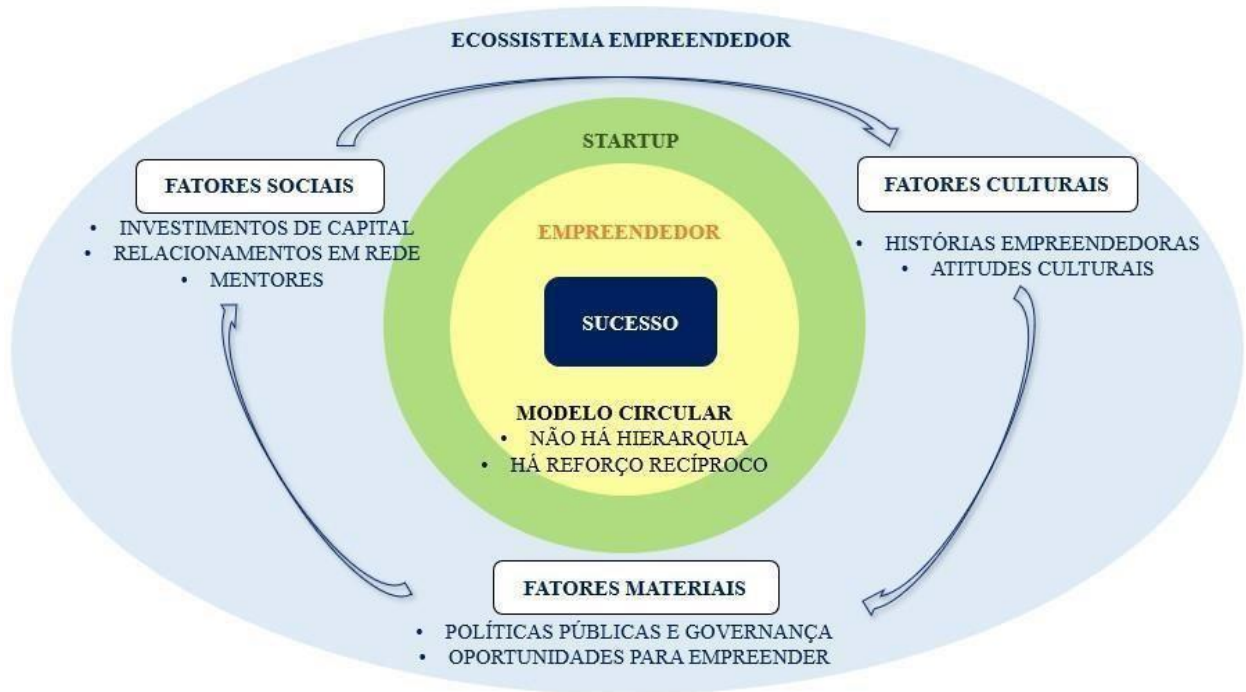
Figura 1 – Visão geral de EEs: atributos, atores, subsistemas, mecanismos subjacentes e relações



Fonte: elaborado pela autora (em processo de publicação).

A figura 2 apresenta, por meio de estudo exploratório teórico, os fatores contextuais do efeito farol de empreendimentos e narrativas empreendedoras bem-sucedidas e pretende demonstrar as relações recíprocas e não hierárquicas na formação e manutenção da vocação de ecossistemas e novas startups aderentes.

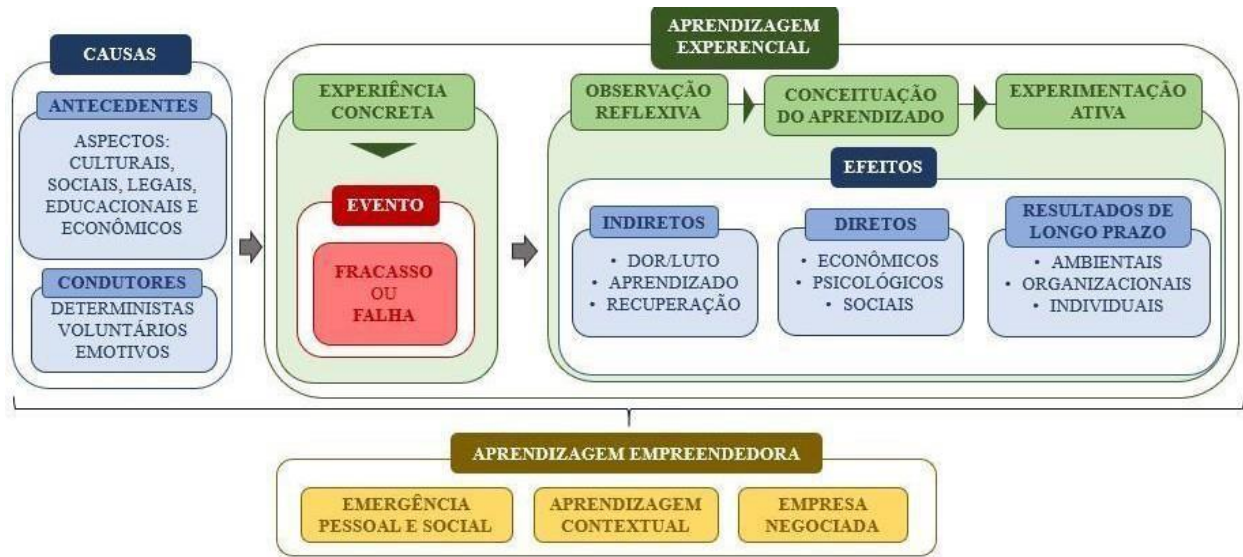
Figura 2 – Fatores contextuais do efeito farol de startups de sucesso em ecossistemas empreendedores



Fonte: elaborado pela autora com base em Tiba *et al.* (2020) e Spigel (2017).

A figura 3 apresenta, com base em revisões sistemáticas de literatura, um modelo conceitual de aprendizagem empreendedora a partir da experiência de um evento crítico de falha ou fracasso, demonstrando suas causas, efeitos, diretos, indiretos e de longo prazo e seus resultados dentro da perspectiva mais ampla de aprendizagem empreendedora.

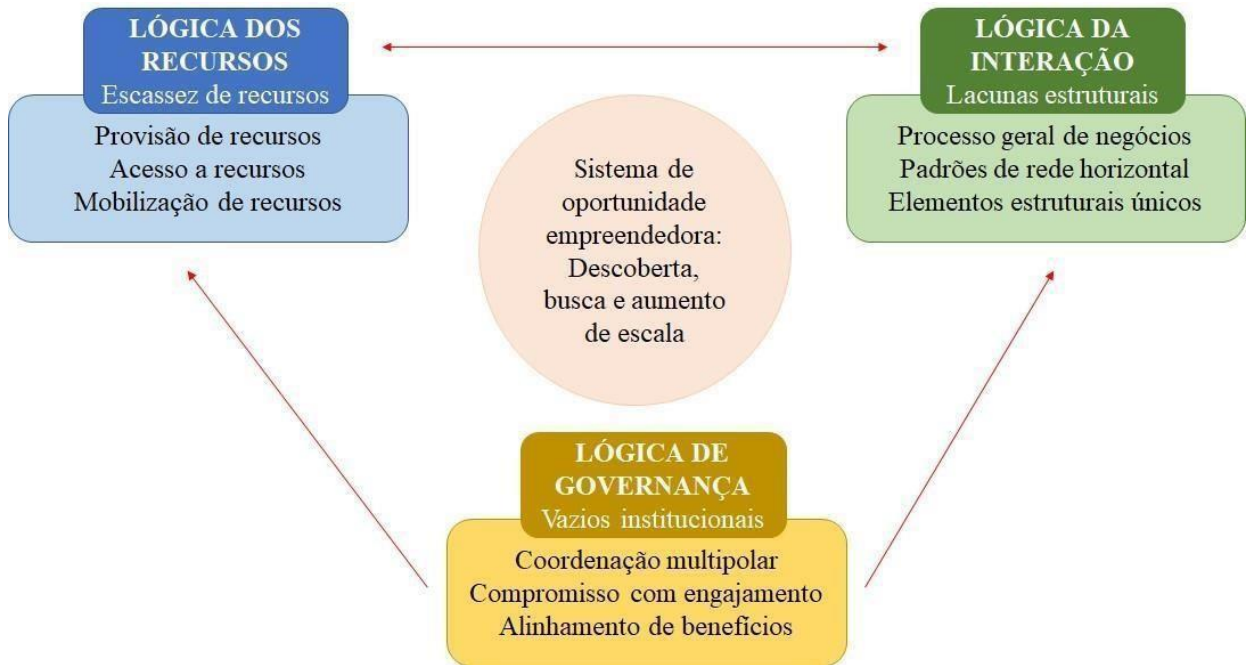
Figura 3 – Modelo conceitual da aprendizagem empreendedora a partir do fracasso



Fonte: elaborado pela autora com base em Kolb (1984); Lattacher & Wdowiak (2020); Klimas et al. (2020) e Rae (2005).

A figura 4 apresenta, com base em revisões sistemáticas de literatura acerca de ecossistemas empreendedores em economias avançadas e emergentes, um modelo conceitual acerca de sua dinâmica, extrapolando componentes estáticos. O modelo aponta as perspectivas pelas quais modelos de gestão aplicados em economias avançadas não são replicáveis em economias emergentes, dadas suas peculiaridades de escassez de recursos, lacunas estruturais e vazios institucionais, apontando a direção de possíveis pontos de aprofundamento para a comparação de ecossistemas.

*Figura 4 – Modelo conceitual da dinâmica dos ecossistemas empreendedores*

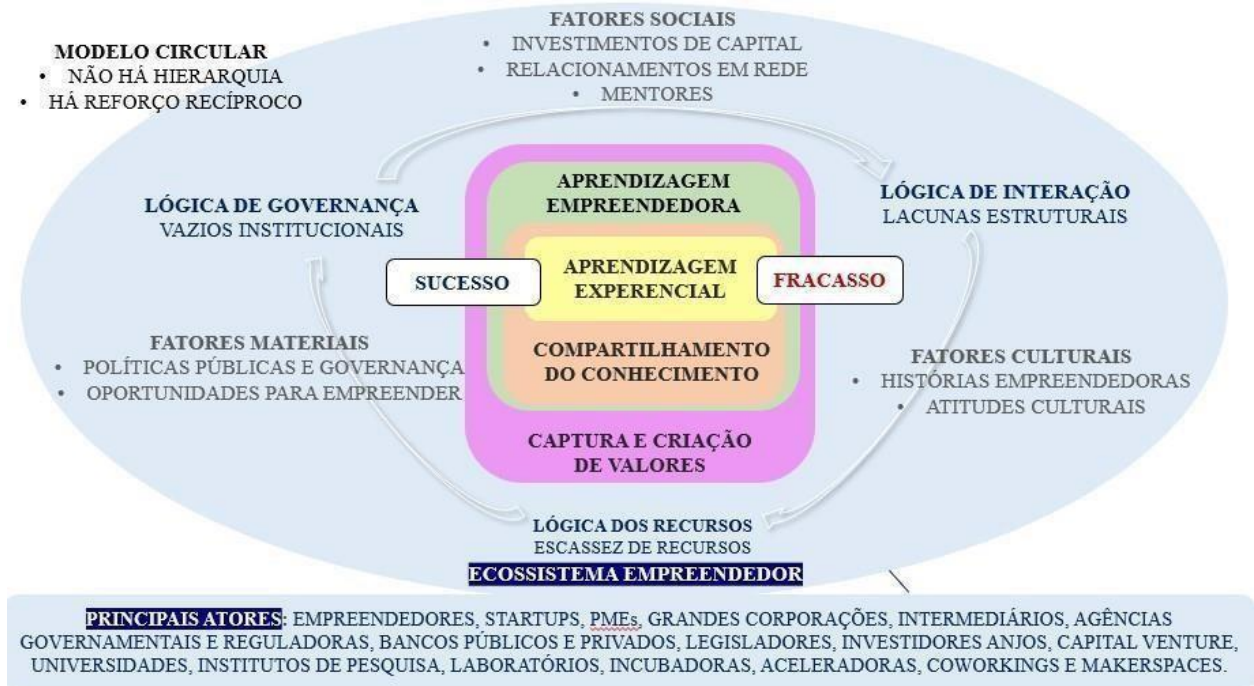


Fonte: elaborado pela autora e adaptado de Cao & Shi (2020).

### ***Modelo de análise***

Com base no referencial teórico apresentado e buscando responder à questão de pesquisa, o estudo adotará o modelo de análise geral apresentado na figura 5 que funde os principais conceitos e unidades de análise já apresentados nas figuras anteriores.

*Figura 5 – Estrutura de estudo*



Fonte: elaborado pela autora.

#### 4. Resultados preliminares

Com este trabalho espera-se incluir perspectiva dinâmicas dos ecossistemas para que se possa adaptar e empregar teorias já existentes, e aplicadas em economias avançadas, nas economias emergentes (Autio et al., 2018; Sheriff & Muffatto, 2015). Ao comparar ecossistemas será possível extrair e analisar suas lacunas sob diversas perspectivas, permitindo o aperfeiçoamento de sua gestão e possível replicação de modelos (Autio et al., 2018; Alvedalen & Boschama, 2017; Ács et al., 2014, 2017; Audretsch & Belitski, 2016; Stam, 2015; Isenberg, 2011) bem como identificar falhas e oportunidades da gestão dos recursos estratégicos disponíveis (Spigel & Harrison, 2018; Autio, 2016).

Além disso, esta pesquisa contribuirá para a expansão da compreensão teórica geral dos ecossistemas empreendedores (Cao e Shi, 2020) de interesse de governos e sociedade geral. Ao identificar as startups faróis e compreender o processo de aprendizagem a partir de falhas e



fracassos, espera-se ser possível apontar de que forma a percepção de sucesso pode influenciar na formação de fatores culturais, sociais e materiais dos ecossistemas e como o fracasso é absorvido pelos empreendedores e pelo ecossistema para gerar conhecimento, evitar e corrigir falhas em novos empreendimentos (Tiba et al., 2020; Lattacher & Wdowiak, 2020; Van Weele et al., 2018; Muñoz & Cohen, 2017; Hoogendoorn, 2016; Kolb, 1984).

Por fim, espera-se fornecer evidências empíricas de uma grande economia emergente, com a possibilidade de inclusão ecossistemas localizados em outros países latinos, que possam ser somadas ao conhecimento de economias desenvolvidas e outras economias não desenvolvidas (Yi & Uyerra, 2018; Du et al., 2018; Browns & Mason, 2017; Wadee & Padayachee, 2017; Audretsch & Link, 2017; Arruda et al., 2013). Responder-se-á ainda a um chamado de Cao e Shi (2020) que aponta a não aderência de modelos de gestão de ecossistemas empreendedores de economias avançadas a economias emergentes.

## **Referências**

- Abatecola, G., Cafferata, R., & Poggesi, S. (2012). Arthur Stinchcombe's "liability of newness": contribution and impact of the construct. *Journal of Management History*.
- Ács, Z., Audretsch, D., & Lehmann, E. (2013). The knowledge spillover theory of entrepreneurship. *Small Business Economics*, 41(4), 757–774.
- Ács, Z. J., Autio, E., & Szerb, L. (2014). National systems of entrepreneurship: Measurement issues and policy implications. *Research Policy*, 43(3), 476–494.
- Adly, A., & Khatib, L. (2014). *Reforming the entrepreneurship ecosystem in post-revolutionary Egypt and Tunisia*. Stanford: Stanford Publications.
- Albort-Morant, G., & Oghazi, P. (2016). How useful are incubators for new entrepreneurs?. *Journal of Business Research*, 69(6), 2125-2129.
- Aldrich, H.E., Martinez, M.A., 2007. Many are called, but few are chosen: an evolutionary perspective. In: Cuervo, \_A., RibeiroSoriano, D., Roig, S. (Eds.), *Entrepreneurship - Concepts, Theory and Perspectives*. Springer Verlag, Berlin

Heidelberg.

Alfred, R., & Laura, R. (2016). The Romanian entrepreneurial ecosystem background report. Technopolis Group. Retrieved May 1st, 2019, from the European Commission's Website.

Alvedalen, J., Boschma, R., 2017. A critical review of entrepreneurial ecosystems research: towards a future research agenda. *Eur. Plann. Stud.* 25, 887-903.

Arruda, C., Nogueira, V. S., & Costa, V. (2013). The Brazilian entrepreneurial ecosystem of startups: an analysis of entrepreneurship determinants in Brazil as seen from the OECD pillars. *Journal of Entrepreneurship and Innovation Management*, 2(3), 17–57.

Asheim, B. T. 1999. The territorial challenge to innovation and endogenous regional development. K. Cowling, Ed. *Industrial Policy in Europe: theoretical perspectives and practical proposals* 58–73).

Asheim, B. T., & Gertler, M. S. (2005). The geography of innovation: Regional innovation systems. In J. Fagerberg, D. C. Mowery, & R. R. Nelson (Eds.), *The Oxford handbook of innovation* (291–317). Oxford University Press.

Asheim, B. T., & Coenen, L. (2006). The role of Regional Innovation Systems in a globalising economy: Comparing knowledge bases and institutional frameworks of Nordic clusters. In G. Vertova (Ed.), *The changing economic geography of globalization* (148–165). Routledge.

Audretsch, D. B., & Belitski, M. (2016). Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions. *Journal of Technology Transfer*: 1–22.

Audretsch, D. B., & Lehmann, E. (2016). *The seven secrets of Germany: Economic resilience in an era of global turbulence*. Oxford University Press.

Audretsch, D. B., & Link, A. N. (2017). Embracing an entrepreneurial ecosystem: an analysis of the governance of research joint ventures. *Small Business Economics*, 52(2): 429–436.

Auerswald, P. E. (2015). Enabling entrepreneurial ecosystems. In D. Audretsch, A. Link, & M. L. Walsok (Eds.), *The Oxford handbook of local competitiveness*: 54–83. Oxford: Oxford University Press.

Autio, E. (2016). *Entrepreneurship support in Europe: trends and challenges for EU policy*. Policy Reports. Brussels: European Commission.

Autio, E., & Levie, J. (2014). ‘Hard factors’ or soft insights? Fact-based and participative approaches to entrepreneurship ecosystems policy analysis and management.

Autio, E., & Levie, J. (2017). Management of entrepreneurial ecosystems. In G. Ahmetoglu, T. Chamorro-Premuzic, B. Klinger, & T. Karcisky (Eds.), *The Wiley handbook of entrepreneurship*: 423–450. Chichester: Wiley.

Autio, E., Nambisan, S., Thomas, L. D. W., & Wright, M. (2018). Digital affordances, spatial affordances, and the genesis of entrepreneurial ecosystems. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 12(1): 72–95.

Aydalot, P. (1986). *Innovative Milieus in Europe*. GREMI.

Balland, P.-A., Boschma, R.A., Frenken, K., 2015. Proximity and Innovation : from statics to dynamics. *Reg. Stud.* 49, 907-920.

Battilana, J., Leca, B., Boxenbaum, E., 2009. How actors change institutions: towards a theory of institutional entrepreneurship.

Acad. Manag. Ann. 3, 65-107.

Becattini, G. (1989). Sector and/or districts: Some remarks on the conceptual foundations of industrial economics. In E.

Goodman, J. Bamford, & P. Saynor (Eds.), *Small firms and industrial districts in Italy* 123–135).

Berg, V., Birkeland, J., Nguyen-Duc, A., Pappas, I. O., & Jaccheri, L. (2020). Achieving agility and quality in product development-an empirical study of hardware startups. *Journal of Systems and Software*, 110599.

Brito, S., & Leitão, J. (2020). Mapping and defining entrepreneurial ecosystems: a systematic literature review. *Knowledge Management Research & Practice*, 1-22.

Bruton, G.D., Ahlstrom, D., & Obloj, K. (2008). Entrepreneurship in emerging economies: where are we today and where should the research go in the future. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 32(1), 1–14.

Camagni, R., & Maillat, D. (2006). *Milieux innovateurs: Théorie et politiques*. Paris: Economica Anthropos.

Cantner, U., Cunningham, J. A., Lehmann, E. E., & Menter, M. (2020). Entrepreneurial ecosystems: A dynamic lifecycle model. *Small Business Economics*, 1–17.

Cao, Z., & Shi, X. (2020). A systematic literature review of entrepreneurial ecosystems in advanced and emerging economies. *Small Business Economics*, 1-36.

Cappellin, R., & Wink, R. (2009). International knowledge and innovation networks, new horizons in regional science. E. E. (UK). S. 978 1 84844 441 6 (Ed.). (UK).

Cheraghi, M. (2017). Young entrepreneurs pushed by necessity and pulled by opportunity: Institutional embeddedness in economy and culture. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 30(3), 395-409.

Cooke, P. (2001). Regional innovation systems, clusters, and the knowledge economy. *Industrial and Corporate Change*, 10(4), 945–974.

Cope, J. (2011), "Entrepreneurial learning from failure: an interpretative phenomenological analysis", *Journal of Business Venturing*, Vol. 26, No. 6, 604-623.

Dacin, P.A., Dacin, M.T., Matear, M., 2010. Social entrepreneurship: why we don't need a new theory and how we move forward. *Source Acad. Manag. Perspect.* 24, 37-57.

Defourny, J., Nyssens, M., 2008. Social enterprise in Europe: recent trend and developments. *Soc. Enterp. J.* 4, 202-228.

DiMaggio, P.J., Powell, W.W., 1983. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. *Am. Socio. Rev.* 48, 147-160.

Doshmanli, M., Salamzadeh, Y., & Salamzadeh, A. (2018). Development of SMEs in an emerging economy: does corporate social responsibility matter?. *International Journal of Management and Enterprise Development*, 17(2), 168-191.

Du, W. Y., Pan, S. L., Zhou, N., & Ouyang, T. H. (2018). From a marketplace of electronics to a digital entrepreneurial ecosystem (DEE): the emergence of a meta-organization in Zhongguancun, China. *Information Systems Journal*, 28(6), 1158–1175.

Dutt, N., Hawn, O., Vidal, E., Chatterji, A., McGahan, A., & Mitchell, W. (2016). How open system intermediaries address institutional failures: The case of business incubators in emerging-market countries. *Academy of Management Journal*, 59(3), 818-840.

- Edquist, C. (1997). Systems of innovation approaches – their emergence and characteristics. In C. Edquist (Ed.), *Systems of innovation: Technologies, institutions and organizations* (pp. 1–35). Pinter Publisher Ltd.
- Edquist, H. (2005). The Swedish ICT miracle—myth or reality?. *Information Economics and Policy*, 17(3), 275-301.
- Espinoza-Benavides, J. and D\_1az, D. (2019), "The entrepreneurial profile after failure", *International Journal of Entrepreneurial Behavior and Research*, Vol. 25 No. 8, 1634-1651.
- Feld, B., 2012. *Startup Communities: Building an Entrepreneurial Ecosystem in Your City*. John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, New Jersey.
- Ferreira, J. J., Ratten, V., & Dana, L.-P. (2017). Knowledge spillover-based strategic entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 13(1), 161–167.
- Fey, C., Nayak, A., Wu, C., & Zhou, A. (2016). Internationalization strategies of emerging market multinationals: A five M framework. *Journal of Leadership & Organizational Studies*, 23(2), 128-143.
- Franco, M., & Haase, H. (2015). University–industry cooperation: Researchers’ motivations and interaction channels. *Journal of Engineering and technology Management*, 36, 41-51.
- Freeman, C. (1987). *Technology and economic performance: Lessons from Japan*. Freeman technology and economic performance. Pinter Pub Ltd.
- Frenken, K., Cefis, E., & Stam, E. (2015). Industrial dynamics and clusters: A survey. *Regional Studies*, 49(1), 10–27.
- Giardino, C., Paternoster, N., Unterkalmsteiner, M., Gorschek, T., & Abrahamsson, P. (2015). Software development in startup companies: the greenfield startup model. *IEEE Transactions on Software Engineering*, 42(6), 585-604.
- Glasser, B. (1992). *Basics of grounded theory analysis: Emergence vs. forcing*. Mill Valley.
- Goswami, K., Mitchell, J. R., & Bhagavatula, S. (2018). Accelerator expertise: understanding the intermediary role of accelerators in the development of the Bangalore entrepreneurial ecosystem. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 12(1), 117–150.
- Groth, O. J., Esposito, M., & Tse, T. (2015). What Europe needs is an innovation-driven entrepreneurship ecosystem: introducing EDIE. *Thunderbird International Business Review*, 57(4): 263–269.
- Gupta, S., & Shapiro, D. (2014). Building and transforming an emerging market global enterprise: Lessons from the Infosys journey. *Business Horizons*, 57(2), 169-179.
- Harper-Anderson, E., 2018. Intersections of partnership and leadership in entrepreneurial ecosystems: comparing three US Regions. *Econ. Dev. Q.* 32, 119-134.
- He, V.F., Siren, C., Singh, S., Solomon, G. and Von Krogh, G. (2018), "Keep calm and carry on: emotion regulation in entrepreneurs' learning from failure", *Entrepreneurship: Theory and Practice*, Vol. 42 No. 4, 605-630.
- Hoogendoorn, B., 2016. The prevalence and determinants of social entrepreneurship at the macro level. *J. Small Bus. Manag.* 54, 278-296.
- Isenberg, D., 2011. *The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic Policy* : Daniel Isenberg , Ph . D. Professor of Management Practice, Babson Global Executive Director , the Babson Entrepreneurship Ecosystem Project, the Babson Entrepreneurship Ecosystem Project.
- Jenkins, A. and McKelvie, A. (2016), "What is entrepreneurial failure? Implications for future research", *International Small Business Journal*, Vol. 34 No. 2., 176-188.
- Júnior, E. I., Autio, E., Morini, C., Gimenez, F. A. P., & Dionisio, E. A. (2016). Analysis of the Brazilian entrepreneurial ecosystem. *Desenvolvimento em Questão*, 14(37), 5–36.

- Khanna, T., & Palepu, K. (2000). The future of business groups in emerging markets: long-run evidence from Chile. *Academy of Management journal*, 43(3), 268–285.
- Kolb, D. and Kolb, A.Y. (2018), "Eight important things to know about the experiential learning cycle", *Australian Educational Leader*, Vol. 40, No. 3, 8-14.
- Kolb, D. (1984), *Experiential Learning. Experience as the Source of Learning and Development*, Prentice Hall, Englewood Cliffs.
- Lattacher, W., & Wdowiak, M. A. (2020). Entrepreneurial learning from failure. A systematic review. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*.
- Lee, S.Y., Florida, R., Ács, Z., 2004. Creativity and entrepreneurship: a regional analysis of new firm formation. *Reg. Stud.* 38, 879e891.
- Leitão, J., Alves, H., Krueger, N., & Park, J. (2018). Entrepreneurial, innovative and sustainable ecosystems - best practices and implications for quality of life. (J. Leitão, H. Alves, N. Krueger, & J. Park, Eds). Springer International Publishing.
- Lingelbach, D. C., De La Vina, L., & Asel, P. (2005). What's distinctive about growth-oriented entrepreneurship in developing countries? UTSA College of Business Center for Global Entrepreneurship Working Paper, (1).
- Manimala, M. J., & Wasdani, K. P. (2015). *Entrepreneurial ecosystem: perspectives from emerging economies*. India: Springer.
- Markusen, A. (1996). Sticky places in slippery space: a typology of industrial districts. *Economic Geography*, 72(3), 293–313.
- Marshall, A. (1890). *Principles of Economics*. Macmillan.
- McGrath, R.G. (1999), "Falling forward: real options reasoning and entrepreneurial failure", *Academy of Management Review*, Vol. 24 No. 1, pp. 13-30.
- Morgan, K. (1997). The learning region: Institutions, innovation and regional renewal. *Regional Studies*, 31(5), 491–503.
- Motoyama, Y., & Knowlton, K. (2016). From resource munificence to ecosystem integration: the case of government sponsorship in St. Louis Entrepreneurship and Regional Development, 28(5–6), 448–470.
- Muñoz, P., Cohen, B., 2017. Towards a social-ecological understanding of sustainable venturing. *J. Bus. Ventur. Insights* 7, 1-8.
- Perkins, S.E. (2014), "When does prior experience pay? Institutional experience and the multinational corporation", *Administrative Science Quarterly*, Vol. 59 No. 1, pp. 145-181.
- Pitelis, C., 2012. Clusters, entrepreneurial ecosystem co-creation, and appropriability: a conceptual framework. *Ind. Corp. Change* 21, 1359-1388.
- Politis, D. (2008), "Does prior startup experience matter for entrepreneurs' learning?", *Journal of Small Business and Enterprise Development*, Vol. 15 No. 3., 472-489.
- Porter, M. (2000). Location, competition, and economic development: Local clusters in a global economy. *Economic Development Quarterly*, 14(1), 15–34.
- Ramamurti, R., & Hillemann, J. (2018). What is "Chinese" about Chinese multinationals? *Journal of International Business Studies*, 49(1), 34–48.
- Reynolds, P. D., Bygrave, W. D., Autio, E., Cox, L.W., & Hay, M. (2002). *Global entrepreneurship monitor executive report*

- 2002, Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership. Kansas City, MO: Ewing Marion Kauffman Foundation.
- Ratten, V. (2019). Sport entrepreneurial ecosystems and knowledge spillovers. *Knowledge Management Research & Practice*, 1–10.
- Ratti, R. (1989). PME, synergies locales et cycles spatiaux d'innovation. GREMI.
- Ritsila, J., 1999. Regional differences in environments for enterprises. *Enterpren. Reg. Dev.* 11, 187-202.
- Salamzadeh, A. (2018). Start-up Boom in an Emerging Market: A Niche Market Approach. In *Competitiveness in Emerging Markets* (233-243). Springer, Cham.
- Salamzadeh, A., & Kawamorita Kesim, H. (2015). Startup companies: Life cycle and challenges. In 4th International conference on employment, education and entrepreneurship (EEE), Belgrade, Serbia.
- Sarasvathy, S.D. (2001), "Causation and effectuation: toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency", *Academy of Management Review*, Vol. 26 No. 2, 243-263.
- Schwartzman, H. B. (1993). *Ethnography in organizations* (Vol. 27). Sage.
- Sheriff, M., & Muffatto, M. (2015). The present state of entrepreneurship ecosystems in selected countries in Africa. *African Journal of Economic and Management Studies*, 6(1), 17–54.
- Spigel, B., 2017. The relational organization of entrepreneurial ecosystems. *Enterpren. Theor. Pract.* 71, 49-72.
- Spigel, B., & Harrison, R. (2018). Toward a process theory of entrepreneurial ecosystems. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 12(1),151–168.
- Spilling, O. R. (1996). The entrepreneurial system: on entrepreneurship in the context of a mega-event. *Journal of Business research*, 36(1): 91–103.
- Stam, E., 2015. Entrepreneurial ecosystems and regional policy: a sympathetic critique. *Eur. Plann. Stud.* 23, 1759-1769.
- Stam, E., Spigel, S., 2017. Entrepreneurial ecosystems. In: *The SAGE Handbook of Small Business and Entrepreneurship*. SAGE, London.
- Stam, F., & van de Ven, A. (2018). Entrepreneurial ecosystems: a systems perspective. *USE Working Paper series*, 18(06), 1-28.
- Stinchcombe, A. L. (2000). On equilibrium, organizational form, and competitive strategy. *Advances in Strategic Management*, 17, 271-284.
- Szerb, L. A., Acs, Z., & Autio, E. (2013). Entrepreneurship and policy: The national system of entrepreneurship in the European Union and in its member countries. *Entrepreneurship research journal*, 3(1), 9-34.
- Tiba, S., van Rijnsoever, F., & Hekkert, M. P. (2020). The lighthouse effect: How successful entrepreneurs influence the sustainability-orientation of entrepreneurial ecosystems. *Journal of Cleaner Production*, 121616.
- Theodoraki, C., Messeghem, K., & Rice, M. P. (2018). A social capital approach to the development of sustainable entrepreneurial ecosystems: an explorative study. *Small Business Economics*, 51(1), 153-170.
- Tie, Y. S., Birks, M., & Francis, K. (2019). Grounded theory research: A design framework for novice researchers. *SAGE open medicine*, 7, 2050312118822927.
- Tranfield, D.R., Denyer, D. and Smart, P. (2003), "Towards a methodology for developing evidenceinformed management knowledge by means of systematic review", *British Journal of Management*, Vol. 14 No. 3, 207-222.

- Ucbasaran, D., Shepherd, D.A., Lockett, A. and Lyon, S.J. (2013), "Life after business failure: the process and consequences of business failure for entrepreneurs", *Journal of Management*, Vol. 39 No. 1., 163-202.
- van Rijnsoever, F.J., 2020. Meeting, mating, and intermediating: how incubators can overcome weak network problems in entrepreneurial ecosystems. *Res. Pol.* 49.
- Van Agtmael, A. (2007). *The emerging markets century: How a new breed of world-class companies is overtaking the world.* Simon and Schuster.
- Van Weele, M.A., Steinz, H.J., Van Rijnsoever, F.J., 2018a. Start-up communities as communities of practice: shining a light on geographical scale and membership. *Tijdschr. Econ. Soc. Geogr.* 109, 173-188.
- Wadee, A. A., & Padayachee, A. (2017). Higher education: catalysts for the development of an entrepreneurial ecosystem, or ... are we the weakest link? *Science Technology and Society*, 22(2), 284–309.
- Wang, S., & Noe, R. A. (2010). Knowledge sharing: A review and directions for future research. *Human resource management review*, 20(2), 115-131.
- Wells, K. (1995). *The strategy of grounded theory: Possibilities and problems.*
- Yi, G., & Uyerra, E. (2018). Process mechanisms for academic entrepreneurial ecosystems: insights from a case study in C h i n a. *Science, Technology and Society.*
- Zahra, S.A., Gedajlovic, E., Neubaum, D.O., Shulman, J.M., 2009. A typology of social entrepreneurs: motives, search processes and ethical challenges. *J. Bus. Ventur.* 24, 519-532.